O ALERTA PARA UM POSSÍVEL SUPER EL NIÑO E SEUS EFEITOS SOBRE O AGRO BRASILEIRO

O fenômeno altera regularidade de chuvas e temperaturas de forma desigual no país, elevando riscos à produção.

Gabriela M. da Cruz[1]
Leandro Gilio[2]

Sumário Executivo

O El Niño 2026/27 aumenta a incerteza para a agropecuária brasileira, mas seus efeitos devem variar entre regiões, culturas e etapas do calendário produtivo. As projeções indicam maior risco de calor e chuvas abaixo da média no centro-norte do país, enquanto o Sul pode registrar excesso de precipitação. Entre os principais pontos de atenção estão o arroz e o feijão no Norte e Nordeste, o calendário da soja e do milho segunda safra, a florada do café e da laranja, as operações da cana-de-açúcar e a disponibilidade de água, pastagens e alimentação animal. Os impactos também podem ocorrer por meio do aumento dos custos, da redução da renda e da maior pressão sobre o crédito e aumento do risco de inadimplência. Por isso, o estudo recomenda fortalecer o monitoramento climático, recompor os recursos do seguro rural, integrar instrumentos como Proagro, Garantia-Safra e ZARC e ampliar investimentos em assistência técnica e adaptação produtiva.

O fenômeno El Niño voltou ao centro das discussões sobre clima e produção agrícola em 2026. A preocupação é justificável: alterações no regime de chuvas, secas prolongadas, ondas de calor e outros eventos extremos podem comprometer a produção agropecuária, pressionar preços, reduzir a renda dos produtores e afetar o abastecimento. Seus impactos, porém, vão além da atividade produtiva. Enchentes, deslizamentos, estiagens severas, fumaça de queimadas e a piora da qualidade do ar também afetam diretamente a população, com consequências para a moradia, a saúde, a mobilidade, o acesso à água e o aumento de doenças respiratórias.

O El Niño é uma das fases do ENOS (El Niño–Oscilação Sul), fenômeno climático caracterizado pelo aquecimento anormal das águas superficiais do Oceano Pacífico Equatorial[3]. Esse aquecimento altera a circulação da atmosfera e modifica os padrões de chuva e temperatura em diferentes regiões do mundo. No Brasil, seus efeitos variam

[1] Professora e pesquisadora do Insper Agro Global
[2] Professor e pesquisador do Insper Agro Global

[3] O Quadro 1 apresenta uma explicação breve sobre os indicadores de acompanhamento deste fenômeno.

conforme a região, podendo provocar chuvas acima da média em algumas áreas e estiagens, calor intenso e maior risco de incêndios florestais em outras.

O Painel El Niño 2026–2027[4], elaborado conjuntamente por INMET, INPE, INMET, ANA, CEMADEN, SGB e SEDEC, indica, com base em modelos climáticos, probabilidade superior a 90% de o fenômeno persistir pelo menos até o início de 2027, com possibilidade de intensificação entre a primavera e o verão de 2026. Esse cenário reforça a necessidade de monitoramento de seus impactos sobre o clima brasileiro, especialmente em relação ao comportamento das chuvas, às temperaturas, às ondas de calor e ao risco de incêndios florestais (INMET et al., 2026).

Diante desse cenário, a expressão "Super El Niño" deve ser entendida como um alerta para a possibilidade de um evento de elevada intensidade, e não como uma previsão automática de quebra de safra. Mesmo quando o fenômeno é forte, seus efeitos variam conforme a região, a distribuição das chuvas, as temperaturas e o momento do ciclo produtivo. O El Niño é um fenômeno natural, e as previsões iniciais do Painel El Niño 2026–2027 não permitem concluir que o episódio de 2026/27 tenha sido causado ou intensificado pelo aquecimento global. Para o Brasil, o principal ponto de atenção é a maior probabilidade de temperaturas acima da média, ondas de calor, secas e incêndios em determinadas áreas. Por isso, mais do que antecipar perdas, é necessário acompanhar continuamente a evolução do clima e avaliar como essas condições podem afetar cada cultura e cadeia produtiva, tema apresentado no tópico seguinte (INMET et al., 2026).

IMPACTOS DO EL NIÑO EM CADEIAS AGROPECUÁRIAS

Os impactos do El Niño são heterogêneos e regionalizados. De modo geral, os modelos climáticos indicam tendência de chuvas abaixo da média em parte do centro-norte do Brasil, especialmente no Nordeste e em áreas do oeste e do sul da Região Norte. Em contrapartida, a Região Sul apresenta maior probabilidade de registrar precipitações acima da média.

Além das chuvas, as temperaturas também devem permanecer acima da média histórica em grande parte do país, aumentando o risco de ondas de calor. A combinação entre temperaturas elevadas e menor volume de chuvas favorece a ocorrência de secas, queimadas e incêndios florestais, sobretudo no Centro-Oeste, Norte e Nordeste (INMET et al., 2026).

Na agropecuária, os efeitos do El Niño dependem, além da intensidade do fenômeno, da região atingida e do momento em que as alterações climáticas ocorrem ao longo do calendário agrícola. Um mesmo evento pode produzir impactos distintos ao se coincidir com o plantio, o florescimento, o enchimento dos grãos, a colheita ou a formação das pastagens.

[4] Avaliação para o trimestre de julho-agosto-setembro de 2026. Mais detalhes em: https://portal.inmet.gov.br/notasTecnicas#

Essa dimensão temporal é especialmente relevante no Brasil, onde diferentes culturas são produzidas em sequência na mesma área. No Centro-Oeste, por exemplo, a soja é plantada entre setembro e novembro e colhida entre janeiro e abril, dando lugar, em geral, ao milho ou algodão segunda safra. Assim, atrasos ou replantios provocados pela irregularidade das chuvas podem comprometer o estabelecimento e a produtividade da soja e, adicionalmente, reduzir a janela ideal para a semeadura das culturas de segunda safra, como algodão e milho, expondo-as a condições menos favoráveis.

Para culturas permanentes, como café e a laranja, o risco depende especialmente das condições de chuva e temperatura durante a florada e a formação dos frutos. Na cana-de-açúcar (semi-permanente), os efeitos podem ocorrer sobre o desenvolvimento vegetativo, a qualidade da matéria-prima e as operações de corte e moagem, dependendo do momento em que ocorrerem o excesso ou a falta de chuva.

O quadro regional reforça a necessidade de uma análise diferenciada. Para o trimestre de julho a setembro de 2026, o *Painel El Niño 2026–2027* indicava maior possibilidade de chuvas abaixo da média em parte do centro-norte do país e de precipitações acima da média no Sul. No Centro-Oeste, o tempo mais seco poderia favorecer, no curto prazo, a colheita do milho segunda safra, do algodão e da cana-de-açúcar. Ao mesmo tempo, temperaturas elevadas poderiam reduzir a umidade do solo, afetar as pastagens e dificultar a preparação da safra seguinte. No Sul, mais chuva poderia beneficiar algumas culturas de inverno, mas também elevar o risco de encharcamento excessivo, gerando doenças e dificuldades de colheita.

A Tabela 1 resume os principais canais pelos quais o El Niño pode afetar culturas agrícolas e cadeias pecuárias. As informações devem ser interpretadas como possíveis riscos e pontos de atenção, e não como previsões determinísticas de perdas, uma vez que os cenários climáticos permanecem sujeitos a atualização.

Tabela 1 – Principais riscos e possíveis efeitos do El Niño sobre culturas e cadeias pecuárias no Brasil

Cadeia	Possíveis impactos e pontos de atenção
Arroz	Os impactos variam conforme a região e o sistema produtivo. No Sul, onde se concentra a produção de arroz irrigado, o excesso de chuvas pode atrasar a semeadura, enquanto a maior nebulosidade pode reduzir a disponibilidade de radiação solar e comprometer a produtividade. No Norte e no Nordeste, o risco está associado à redução das chuvas e à deficiência hídrica nas lavouras de sequeiro. Evidências históricas indicam que, em anos de El Niño, o rendimento relativo do arroz foi cerca de 11% menor no Nordeste e 4% menor no Norte, em comparação com anos neutros e com o desempenho do Sudeste. Esses resultados indicam maior exposição regional, mas não representam uma estimativa de redução da produção nacional para a atual safra.
Feijão	Feijão de sequeiro das regiões Norte e Nordeste apresentam maior vulnerabilidade à redução e à irregularidade das chuvas. Evidências históricas indicam que, em anos de El Niño, o rendimento relativo do feijão foi cerca de 6% menor tanto no Nordeste quanto no Norte, em comparação com anos neutros e com o desempenho do Sudeste. Para o trimestre de julho a setembro de 2026, a combinação de menores volumes de chuva e temperaturas elevadas no Nordeste pode favorecer a colheita do feijão de terceira safra em áreas mais avançadas, mas prejudicar as lavouras ainda em

Cadeia	Possíveis impactos e pontos de atenção
	desenvolvimento. Como o feijão é cultivado em diferentes safras ao longo do ano, os efeitos dependem do ciclo.
Soja	Efeitos tendem a variar entre as regiões produtoras. No Sul, a maior disponibilidade hídrica pode favorecer o desenvolvimento das lavouras e compensar parcialmente eventuais perdas em outras áreas. No Centro-Oeste e no MATOPIBA, a irregularidade das chuvas, os veranicos[5], as temperaturas elevadas e o atraso do início da estação chuvosa podem dificultar o plantio, gerar replantios e comprometer a produtividade. O atraso da soja também pode reduzir a janela adequada para a semeadura do milho e do algodão de segunda safra. Em termos agregados, estudos indicam efeitos médios do El Niño sobre a produtividade global da soja tendem a ser neutros ou levemente positivos. Para 2026/27, o cenário-base do relatório do ItaúBBA indica possibilidade de nova safra recorde no Brasil. Entretanto, em um cenário adverso, uma redução de 6% da produção brasileira poderia diminuir a relação entre os estoques e o consumo mundial de 28% para 25%, exercendo pressão de alta sobre os preços internacionais. Essa simulação representa um exercício de sensibilidade, e não uma previsão de quebra da safra brasileira.
Algodão	Para o trimestre de julho a setembro de 2026, o tempo mais seco previsto para o Centro-Oeste pode favorecer a colheita do algodão em curso, ao reduzir as interrupções das operações no campo. Esse possível benefício é pontual e não representa uma estimativa de produtividade nem uma avaliação da próxima temporada. Para a safra seguinte, as fontes analisadas não apresentam uma projeção específica para o algodão. O Painel El Niño 2026–2027 alerta apenas, de forma geral, que as temperaturas elevadas e a redução da umidade do solo podem dificultar a preparação da próxima safra no Centro-Oeste. Caso a irregularidade das chuvas atrase o plantio e a colheita da soja, também poderá haver redução da janela disponível para o algodão de segunda safra (menor parte da produção). Esse último efeito deve ser apresentado como um risco associado ao calendário agrícola, e não como uma perda já prevista.
Milho segunda safra	O principal risco ocorre de forma indireta, por meio do calendário agrícola. Se a irregularidade das chuvas atrasar o plantio da soja, sua colheita também poderá ocorrer mais tarde, reduzindo a janela adequada para semear o milho segunda safra (maior parte da produção). Com o atraso, o milho fica mais exposto ao fim do período chuvoso e às temperaturas elevadas durante o enchimento dos grãos. Os riscos históricos são mais elevados no MAPITO, enquanto Mato Grosso apresenta maior variação entre as ocorrências. Avanços em sementes, manejo do solo e irrigação podem reduzir parte dessa vulnerabilidade.
Cana-de-açúcar	No Centro-Sul (maior parte da produção), chuvas em períodos normalmente mais secos, especialmente durante o inverno, podem interromper o corte e reduzir o ritmo de moagem nas usinas. A umidade excessiva também pode retardar a concentração de açúcar na planta, prejudicando a qualidade e o rendimento. No Norte e no Nordeste, períodos secos e ondas de calor podem comprometer o plantio e o desenvolvimento, com possíveis efeitos sobre a produtividade, o teor de açúcar e os custos.

[5] Veranico é um fenômeno meteorológico caracterizado por um período de estiagem (dias sem chuva) acompanhado de calor fora de época, céu claro e baixa umidade relativa do ar. Ele ocorre geralmente no outono ou inverno, quando sistemas de alta pressão geram um bloqueio atmosférico que impede o avanço de frentes frias.

Cadeia	Possíveis impactos e pontos de atenção
Café	Cultura depende de uma transição relativamente bem definida entre o período seco e o retorno regular das chuvas. Chuvas isoladas podem estimular a abertura antecipada das flores, mas, se não houver umidade suficiente nos dias seguintes, parte delas pode não se desenvolver. O atraso das chuvas de primavera, sua distribuição irregular e o calor excessivo também podem prejudicar a formação e o enchimento dos frutos, reduzir o peso dos grãos e afetar a produtividade e a qualidade do café.
Laranja	Calor persistente e falta de chuva durante a florada, que ocorre principalmente entre setembro e novembro no cinturão citrícola paulista podem aumentar a queda de flores e de frutos jovens, reduzindo o potencial produtivo da safra seguinte. O El Niño não determina, por si só, uma safra ruim de laranja, mas eleva os riscos quando o calor e a restrição hídrica coincidem com a florada.
Frutas e hortaliças	Os efeitos variam conforme a cultura e a região. Temperaturas elevadas, ondas de calor e irregularidades hídricas podem alterar o calendário de plantio, a produtividade e a qualidade dos produtos. No Sul, o excesso de chuva pode aumentar a ocorrência de podridões e doenças, reduzir a qualidade e atrasar o plantio e a colheita. No Nordeste, o tempo mais seco pode favorecer temporariamente algumas culturas irrigadas, mas a redução dos níveis dos reservatórios e o calor excessivo aumentam o risco para a irrigação. Em diferentes regiões, temperaturas elevadas podem acelerar o desenvolvimento das plantas, mas reduzir o tamanho dos frutos e desorganizar a floração de culturas perenes.
Bovinos de corte	Os principais riscos estão relacionados à disponibilidade de água, à quantidade e à qualidade das pastagens, ao calor e ao custo da suplementação alimentar. O atraso ou a irregularidade das chuvas pode retardar a recuperação do pasto, reduzir o ganho de peso e prolongar o tempo necessário para os animais atingirem o peso de abate. Nos sistemas de cria, a piora da condição corporal das vacas reprodutoras pode reduzir a fertilidade e a taxa de prenhez. A escassez de pasto também pode levar produtores a antecipar a venda de animais, aumentando a oferta no curto prazo, mas dificultando a recomposição futura do rebanho.
Pecuária leiteira	Os efeitos podem ocorrer simultaneamente sobre as pastagens, a produção e a qualidade da silagem, os preços da ração e o conforto térmico das vacas. O calor tende a reduzir o consumo de alimento, a produção e o desempenho reprodutivo, além de aumentar a necessidade de água, sombra, ventilação e sistemas de resfriamento. No Sul, o excesso de umidade também pode gerar lama, problemas de casco, mastite, perda de qualidade da silagem e dificuldades de transporte. Em muitos casos, o efeito mais imediato pode aparecer no aumento dos custos e na redução das margens dos produtores.
Aves e suínos	Efeitos ocorrem principalmente por meio do custo do milho e do farelo de soja, do calor, do consumo de energia e das dificuldades logísticas. A elevação ou a maior instabilidade dos preços da ração podem reduzir as margens dos produtores. Nas aves, ondas de calor podem diminuir o consumo de ração e o ganho de peso, reduzir a eficiência da alimentação e elevar a mortalidade. Também podem afetar a quantidade e a qualidade dos ovos. Na suinocultura, o estresse térmico pode prejudicar o ganho de peso, a fertilidade e o desempenho das matrizes e dos animais nas fases iniciais de criação.

Fonte: Elaborado por Insper Agro Global com base em Miro (2026) e Itaú BBA (2026), para arroz; Miro (2026), para feijão; Itaú BBA (2026), para as demais culturas agrícolas; Grigol et al. (2026), para as cadeias pecuárias; e INMET et al. (2026), para o panorama climático regional e os efeitos sobre a colheita da safra em curso.

Em síntese, os estudos convergem para uma mensagem central: o El Niño 2026/27 aumenta a incerteza para a agropecuária brasileira, mas seus efeitos não devem ser tratados como uniformes nem como uma quebra de safra já definida.

IMPACTOS E RECOMENDAÇÕES

O El Niño pode gerar vários impactos diretos e indiretos. A irregularidade das chuvas e temperaturas pode atrasar o plantio, comprometer o desenvolvimento das lavouras e das pastagens, dificultar a colheita e resultar em perdas de produtividade, aumento dos custos de produção e redução da renda dos produtores. Esses efeitos também atingem fornecedores de insumos, cooperativas, tradings, agroindústrias e instituições financeiras, ao ampliar o risco de inadimplência. Para os consumidores, podem significar menor oferta de alimentos, perda de qualidade e elevação dos preços.

Diante desse cenário, a adaptação e a gestão de riscos associados a eventos climáticos extremos, como o El Niño, devem ser tratadas também como uma agenda econômica prioritária. O primeiro eixo é o fortalecimento do monitoramento climático e da comunicação de risco. O Painel El Niño 2026–2027, elaborado conjuntamente por INMET, INPE, ANA, CEMADEN, SGB e SEDEC, atualiza mensalmente as informações sobre o fenômeno para subsidiar decisões na agricultura, na gestão de recursos hídricos e na prevenção de desastres. A antecipação das decisões por produtores, cooperativas, instituições financeiras e governos pode contribuir para reduzir os impactos econômicos do fenômeno.

O segundo eixo é o fortalecimento dos instrumentos de gestão de riscos, especialmente no seguro rural. Mais do que indenizar perdas, o seguro protege parte da renda do produtor, preserva sua capacidade de pagamento e de investimento e reduz a exposição financeira de cooperativas, fornecedores, instituições financeiras e demais agentes da cadeia.

A situação do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR) merece atenção. Embora a Lei Orçamentária de 2026 tenha destinado cerca de R$ 1,02 bilhão ao programa, aproximadamente R$ 461,7 milhões foram bloqueados e cerca de R$ 82 milhões cancelados, reduzindo os recursos disponíveis para aproximadamente R$ 473,8 milhões. Soma-se a isso um passivo de cerca de R$ 141 milhões em subvenções de 2025 ainda pendentes de pagamento às seguradoras. Segundo o Observatório do Crédito e Seguro Rural da FGV Agro, esse cenário pode reduzir a área segurada para aproximadamente 2,69 milhões de hectares em 2026, o equivalente a apenas 2,78% da área agrícola nacional (OBSERVATÓRIO DO CRÉDITO E SEGURO RURAL, 2026).

No último Plano Safra divulgado para a temporada 2026/2027, não há qualquer menção a políticas de seguro. Com menor cobertura securitária, aumenta a exposição dos produtores, das instituições financeiras e do próprio governo aos riscos climáticos e aos custos associados à renegociação de dívidas e às medidas emergenciais de apoio.

O seguro rural, entretanto, deve integrar também uma política mais ampla de gestão de riscos. Instrumentos como o Proagro[6], o Garantia-Safra[7] e o Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) [8] precisam atuar de forma articulada ao crédito rural, à assistência técnica e aos sistemas de orientação agroclimática, estimulando práticas compatíveis com as condições de cada região, especialmente entre agricultores familiares e pequenos e médios produtores.

O terceiro eixo envolve o planejamento produtivo de médio e longo prazo. A adaptação ao El Niño passa por investimentos em conservação do solo, recuperação de áreas degradadas, uso mais eficiente da água, diversificação da produção, sistemas integrados e tecnologias capazes de aumentar a resiliência das lavouras e pastagens. Na pecuária, incluem-se ainda o planejamento de reservas de forragem, a proteção das fontes de água, o ajuste da lotação dos pastos e a melhoria do conforto térmico dos animais.

Em síntese, o El Niño representa um alerta climático e econômico para a próxima temporada. O desafio não é apenas responder a eventuais perdas na safra 2026/27, mas fortalecer a capacidade do agro brasileiro de antecipar, absorver e superar choques climáticos. Isso exige combinar informação climática de qualidade, comunicação de risco, seguro rural, crédito, assistência técnica e investimentos em adaptação produtiva. A experiência recente mostra que medidas preventivas tendem a ser mais eficientes e menos custosas do que respostas baseadas em renegociação de dívidas e ações emergenciais. Nesse sentido, recompor os recursos do seguro rural e integrar os instrumentos de gestão de riscos são medidas fundamentais para ampliar a resiliência da agropecuária brasileira.

[6] O Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (Proagro), protege produtores que contrataram crédito rural de custeio, permitindo a liberação de determinadas obrigações financeiras quando o pagamento é comprometido por perdas decorrentes de fenômenos naturais, pragas ou doenças.

[7] Garantia-Safra é um benefício financeiro destinado a agricultores familiares de municípios participantes que tenham perdas relevantes de produção provocadas por estiagem ou excesso de chuvas, conforme os critérios estabelecidos pelo programa.

[8] Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) é um instrumento que indica, para cada município, cultura, tipo de solo e ciclo da cultivar, os períodos de plantio com menor exposição a riscos climáticos.

Quadro 1 – Como o El Niño é monitorado?

O El Niño é acompanhado por indicadores que medem o aquecimento anômalo das águas superficiais do Pacífico equatorial e sua persistência ao longo do tempo. Na prática, isso significa observar se a temperatura do mar em regiões específicas do Pacífico está suficientemente acima da média para caracterizar a fase quente do fenômeno El Niño-Oscilação Sul (ENOS). A Nota Técnica do INPE et al.' (2026) destaca o uso do Índice Oceânico Niño Relativo, conhecido pela sigla em inglês RONI, de *Relative Oceanic Niño Index*. Esse indicador é calculado a partir da diferença entre a anomalia de temperatura da superfície do mar na região Niño 3.4, localizada no Pacífico equatorial central, e a anomalia média global da temperatura da superfície do mar na faixa tropical, entre 20°N e 20°S. Em termos simples, o RONI ajuda a identificar se o aquecimento do Pacífico equatorial é suficientemente intenso em relação ao conjunto dos oceanos tropicais. Essa leitura é importante porque permite distinguir períodos de El Niño, La Niña e neutralidade, oferecendo subsídios para o monitoramento climático e para a antecipação de riscos em diferentes regiões do Brasil.

Tabela B1 – Índice Oceânico Niño Relativo (Relative Oceanic Niño Index, RONI)

Valor do RONI	Condição climática
Igual ou acima de +0,5 °C por pelo menos cinco trimestres sobrepostos	El Niño
Entre -0,5 °C e +0,5 °C	Neutralidade
Igual ou abaixo de -0,5 °C por pelo menos cinco trimestres sobrepostos	La Niña

Fonte: Insper Agro Global baseado em INPE et al., (2026).

Referências

GRIGOL, N.; PENAZZI, G.; CARVALHO, Thiago. El Niño 2026: clima, grãos e forragens elevam incertezas para a produção pecuária no Brasil. Piracicaba: Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada, 12 jun. 2026. Disponível em: https://www.cepea.org.br/br/opiniao-cepea/el-nio-2026-clima-graos-e-forragens-elevam-incertezas-para-a-producao-pecuaria-no-brasil.aspx

ITAÚ BBA. Radar Agro: El Niño 2026/27: riscos climáticos, impactos regionais e implicações para o mercado global de grãos. São Paulo: Consultoria Agro Itaú BBA, 2026. Disponível em: https://www.itau.com.br/media/dam/m/5bde3c83e3780878/original/Radar-El-Nino_Junho26_ItauBBA.pdf

INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA (INMET); SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL (SEDEC); INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS (INPE); AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS E SANEAMENTO BÁSICO (ANA); SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL (SGB); CENTRO NACIONAL DE MONITORAMENTO E ALERTA DE DESASTRES NATURAIS (CEMADEN). *Painel El Niño 2026-2027: boletim mensal n. 01 – junho de 2026*. Brasília, DF: INMET, 2026. Disponível em: https://portal.inmet.gov.br/notasTecnicas#

MIRO, V. H. Efeitos do El Niño na produtividade agrícola brasileira: evidência para um painel de microrregiões (1990-2024). Fortaleza: LABDEA/UFC, jun. 2026. Prisma, n. 01. Disponível em: https://labdea.ufc.br/wp-content/uploads/2026/06/prisma-01.pdf

OBSERVATÓRIO DO CRÉDITO E SEGURO RURAL. Cancelamento de recursos do PSR e a necessidade de recomposição orçamentária do seguro rural: El Niño, início do Plano Safra 2026/2027 e riscos para a previsibilidade da política brasileira de gestão de riscos agropecuários. São Paulo: Centro de Estudos do Agronegócio, Fundação Getulio Vargas, jun. 2026. Disponível em: https://agro.fgv.br/publicacao/nota-tecnica-cancelamento-de-recursos-do-psr-e-necessidade-de-recomposicao-orcamentaria

PRESTES, H. Mudanças climáticas: Ministério da Saúde lança plano para enfrentar El Niño. *CNN Brasil*, Brasília, 30 jun. 2026. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/mudancas-climaticas-ministerio-da-saude-lanca-plano-para-enfrentar-el-nino/

Publicação: 14 de julho de 2026

Expediente
INSPER – Centro de Agronegócio Global

Coordenação Geral
Marcos Sawaya Jank

Pesquisadores
Gabriela Mota da Cruz
Renato Laffranchi Falcao
Tarcísio Azevedo
Bruno Capuzzi
Leandro Gilio*
Alberto Pfeifer
Gabriela dos Santos Veiga
João Pedro Retz de Abreu Schmidt

Contato:
*leandrog3@insper.edu.br / https://agro.insper.edu.br/

Apoiadores institucionais